

Dossiê: Cruzamentos Ítalo-Luso-Afro-Brasileiros: por uma urgente restituição ética do Humanismo (línguas e literaturas hoje)

Entre becos: Algumas considerações sobre história e romance a partir de *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo

Between alleys: Some considerations about history and novel from *Becos da memória*, by Conceição Evaristo

Entre callejones: algunas consideraciones sobre historia y novela desde *Becos da memória*, de Conceição Evaristo



João Paulo Ferreira dos Santos

Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal, Brasil

joapaulofds1@gmail.com

Resumo: A história e a cultura afro-brasileira, assim como uma chama-da literatura negra, têm ocupado especial atenção desde, pelo menos, a segunda metade do século passado. E é no calor do debate e das ações voltadas a esses temas que nasce o livro *Becos da memória* (2020), de Conceição Evaristo. Nessa obra, Evaristo apresenta um mosaico de histórias pessoais que, entrelaçadas num enredo fragmentado, e intensificado por comoventes dramas e tragédias humanas, revela certa impotência dos moradores da favela frente às adversidades sociais, econômicas e sanitárias. Pensando nessas questões, propomos, neste trabalho, tecer algumas considerações/reflexões, sobre história e romance, a partir da referida obra.

Palavras-chave: Becos da memória; Conceição Evaristo; literatura afro-brasileira; romance e história; dramas humanos.

Abstract: Afro-Brazilian history and culture, as well as so-called black literature, have occupied special attention since at least the second half of the last century. And it is in the heat of debate and actions focused on

these themes that the book *Becos da memória* (2020), by Conceição Evaristo, was born. In this work, Evaristo presents a mosaic of personal stories that, intertwined in a fragmented plot intensified by moving dramas and human tragedies, reveals a certain impotence of favela residents in the face of social, economic and health adversities. Thinking about these questions, we propose, in this work, to make some considerations/reflections on history and novel based on that work.

Keywords: Alleys of memory; Conceição Evaristo; Afro-Brazilian literature; novel and history; human dramas.

Resumen: La historia y la cultura afrobrasileñas, así como la llamada literatura negra, han ocupado especial atención desde cerca de la segunda mitad del siglo pasado. Y es en medio del debate y de las acciones centradas en estos temas que nació el libro *Becos da memória* (2020), de Conceição Evaristo. En esta obra, Evaristo presenta un mosaico de historias personales que, entrelazadas en una trama fragmentada intensificada por conmovedores dramas y tragedias humanas, revela cierta impotencia de los habitantes de las favelas ante las adversidades sociales, económicas y de salud. Pensando en estas cuestiones, nos proponemos, en este trabajo, hacer algunas consideraciones/reflexiones sobre historia y novela a partir de esa obra.

Palabras clave: Becos da memória; Conceição Evaristo; literatura afrobrasileña; novela y historia; dramas humanos.

Submetido em: 16 de setembro de 2023

Aceito em: 16 de janeiro de 2024

Publicado em: 12 de julho de 2024

1. Comentário inicial

O Brasil tem uma dívida histórica com o povo negro, e isto é fato. O nosso país escravizou, violentou, matou (física e simbólico-culturalmente) negros e negras de todas as formas que se possa imaginar. Depois, com a Lei da Abolição, de 1888, deixou ao relento, atirados à própria sorte (ou azar), toda uma população de homens, mulheres e crianças negras/negros.

Da mesma maneira, a literatura brasileira carrega também essa dívida, seja do ponto de vista estético-criativo, seja da perspectiva da representação simbólico-literária. Quer dizer, quem escrevia literatura no Brasil entre os séculos XVI e XIX? Quem consumia a literatura produzida? Que caracteres sociais eram representados nos poemas, romances e crônicas da época? Como eles eram representados? Que papel cumpriam nas narrativas? A resposta para essas questões parece simples, mas é extremamente complexa. Salvo às exceções, majoritariamente, os escritores e os heróis de nossa literatura pátria são homens brancos, pertencentes a círculos sociais privilegiados.

Assim sendo, mencionamos algumas das exceções, nas quais se inserem nomes como o dos escritores Abdias do Nascimento, Maria Firmina dos Reis, o próprio Machado de Assis, Luiz Gama e Carolina Maria de Jesus, entre outros¹. Já no que diz respeito à representação do povo/cultura/história negra em nossas letras, *O navio negreiro*, de Castro Alves, talvez seja um dos textos literários mais emblemáticos, dado a sua dramaticidade e tragicidade dos negros e negras traficados da África para o Brasil.

De modo geral, o povo negro sempre teve um papel marginal, de coadjuvante, em nossa literatura. Uma representação e participação mais incisiva e sistemática do segmento negro afro-brasileiro passa a ocorrer entre o final do século XIX em diante, sobretudo durante o século XX. É no correr deste que homens e mulheres negros e negras galgam espaço na literatura, seja no papel de cria-

¹ O professor Eduardo de Assis Duarte publicou, em 2014, um compilado de textos de estudiosos diversos sobre a Literatura afro-brasileira, listando os cem autores do século XVIII ao XXI (Duarte, 2014).

turas ativas, seja como criadores reconhecidos e consagrados. O fluminense Lima Barreto é, certamente, um dos nomes que puxa adiante tal tendência. Mas é na opinião do saudoso Antonio Candido (1992), nas letras de um Jorge Amado (que não é necessariamente um autor negro), já nos anos 30, que o negro se torna um sujeito pleno de sua história, passando de objeto a sujeito, de coadjuvante à protagonista. Falo, obviamente, do negro Baldo, em *Jubiabá* (Amado, [1935]).

Antonio Candido, em seu valioso ensaio *Poesia, documento e história* (1992), ao analisar o romance *Terras do Sem Fim*, de Amado, tece substanciais reflexões sobre o assunto em questão e sublinha a referida mudança de perspectiva, chamando a atenção não apenas para o segmento social negro, mas também para o proletário, o trabalhador rural, e mesmo o homem branco pobre, isto é, todos passam de “criatura” a “criador”. Ainda nesse aspecto, vale a pena insistir no tema da representação a partir do que Candido (1992, p. 44) chama, no referido documento, de “a revelação do povo como criador” (Candido, 1992, p. 44), isto é, o protagonismo – por assim dizer – do povo negro, proletário e “branco pobre” inserido na experiência artística e humana numa realidade como a brasileira.

Em suma, esse breve (e parco) introito tem como fim explicitar e conferir ênfase ao tema da dívida histórica, bem como introduzir uma escritora negra brasileira que, magistralmente, escreve sobre o povo negro afro-brasileiro: Conceição Evaristo.

A filósofa, feminista e escritora negra Djamila Ribeiro (2017), ao recuperar na história o lugar conferido à mulher, em especial à mulher negra, cunha o termo-conceito “Lugar de fala”. Neste, vai uma série de complexidades e contradições, contudo, ele dá as condições e confere a autoridade necessária para que o/a falante expresse sua visão de mundo, sua subjetividade expresse a si mesmo/a e expresse o outro de cor e de classe. Assim, é nesse ínterim que se insere Conceição, com o seu *Becos da memória*.

Recentemente, finalizei a leitura do referido livro. Foi uma leitura leve, mas bastante provocativa. Em linhas gerais, confesso

que esperava um pouco mais, já que, dentre os críticos literários e comentadores da obra da Conceição, há muitos elogios atribuídos a *Becos*. De toda sorte, o romance tem seus pontos fortes e fracos, assim como tantos outros escritos literários de ontem e de hoje.

Motivado pelas provocações suscitadas por *Becos da memória*, proponho-me a tecer neste trabalho algumas considerações sobre um possível conceito de história que aparece na referida obra literária, bem como disponho-me a ponderar sobre a forma romance a partir da conformação do supracitado texto narrativo de Conceição Evaristo. Para isso, metodologicamente, talvez valha a pena começarmos tecendo alguns comentários mais gerais acerca do gênero literário escolhido pela autora e, também, uma concepção de história presente na obra; em seguida, é importante comentarmos brevemente o grau de realização estético-literária alcançado pela obra, arrolando os pontos fortes e fracos; e, por fim, julgo necessário pontuarmos ainda a composição de algumas das personagens e situações presentes, as quais constituem a narrativa.

2. Entre Becos e velas: comentários sobre história e romance em *Becos da Memória*

Iniciemos lendo um trecho desta obra impoluta.

Maria-Nova estava assentada na soleira da porta. Lavara a cabeça, estava com os cabelos soltos ao sol para secar. Seu coração desmanchava em dores. Tinha um compromisso com a vida e não podia recuar. Via diante de si os últimos fatos acontecidos, a morte de Cidinha-Cidoca e a ida da família de Ditinha, junto com outras famílias. Foi quando Bondade apareceu com seu andar manso e macio como gato andando sobre o telhado. Olhou a menina e sentiu uma ternura intensa. Maria-Nova podia ser sua filha. Sentiu-se covarde por repartir com ela tantas dores. Ele podia poupá-la. O cabelo solto e eriçado da menina lembrava juba de leão. Gostava muito de todos na favela. Gostava

de Tio Totó, de Maria-Velha, de Mãe Joana, mas pensava em Maria-Nova como filha, caso ele tivesse tido alguma. (Evaristo, 2020, p. 170).

A citação acima é parte do desfecho de *Becos da memória*. Escrito entre o final de 1970 e o início dos anos de 1980, mas publicado apenas em 2006, essa obra de Conceição Evaristo narra, em terceira pessoa, a vida cotidiana de uma população negra e pobre que habita uma favela – ao que tudo indica, em São Paulo. O foco narrativo, apesar de se dirigir especialmente à personagem Maria-Nova, é disperso, narrando a história e as condições da vida presente da população favelada. Daí ser um enredo fragmentado; fragmentado como os seres que habitam as páginas do livro.

Maria-Nova é uma menina negra de doze anos, filha de Mãe Joana e sobrinha de Maria-Velha. Estuda em colégio e distingue-se de outros personagens pela sua insaciável curiosidade acerca da história de cada uma das pessoas e/ou famílias da favela, bem como de seu senso de solidariedade e de seu compromisso em, mais tarde, escrever as histórias escutadas ou testemunhadas por ela. Obviamente, não dá para falar aqui em personagem típica, pois ainda que Maria-Nova seja um tipo de protagonista, esta e não é uma heroína – não em termos clássicos –, mas também não é uma anti-heroína. Mais adiante voltaremos a essa questão.

Ademais, quem ler *Becos da memória*, verá que sua composição é um tanto fragmentada, como se cada episódio fosse composto de cenas soltas, de uma lembrança do narrador do futuro que conta uma história do presente. Talvez, por isso, o livro se torna interessante. Não que outras obras literárias já não tenham demonstrado a materialidade de tal recurso, mas o efeito estético experimentado aqui é de *presentificação* contínua. Também vale dizer que o aspecto fragmentário da história narrada reforça o que poderíamos chamar de *senso do presente descontínuo*. O que isso quer dizer? Quer dizer que o leitor é acometido por um sentimento de repetição: seja da situação dos negros, dos pobres que vivem em favela, seja do dramático – às vezes, trágico – destino dos favelados.

Nesse aspecto, há algo do que Paul Ricoeur (1994), valendo-se de reflexões agostinianas sobre o tempo (ou o não-ser do tempo), considerou como “solução elegante”. Ao citar Santo Agostinho, lemos o seguinte trecho no texto do Ricoeur:

[...] confiando à memória o destino das coisas passadas e à espera das coisas futuras, pode-se incluir memória e espera num presente ampliado e dialetizado que não é nenhum dos termos anteriormente rejeitados: nem o passado, nem o futuro, nem o presente pontual, nem mesmo a passagem do presente. [...] “Talvez se pudesse dizer no sentido próprio: há três tempos, o presente do (*de*) passado, o presente do (*de*) presente, o presente do (*de*) futuro.” (Ricoeur, 1994, p. 28, grifos do autor).

Um pouco mais adiante, o pensador francês cita diretamente Agostinho, para concluir que “o presente do passado é a memória, o presente do presente é a visão (*contultus*) [...], o presente do futuro é a espera”. (Ricoeur, 1994, p. 28).

Dessas considerações, interessa-nos ressaltar a ênfase conferida ao tempo “presente”, arrolado pelo Santo católico e ponderada por Ricoeur. Dado o exposto, o presente é encarado como uma referência temporal, mas não somente. Inclusive, retomando a obra *Becos da memória*, o sentimento de *presentificação* contínua não se trata apenas de temporização. Ali, o senso de presente contínuo está mais para uma questão histórica, cuja matéria é o cotidiano cru e dramático – embora entremeado de um ou outro momento festivo e/ou poético – de um segmento da população alocada à margem da sociedade e da própria história. Colocado nesses termos, tendo a pensar que não seja absurdo a tese do *senso do presente descontínuo*, cuja manifestação evidencia-se mais claramente nos aspectos e/ou campos da subjetividade.

Nessa linha, o romance *in foco* nos apresenta uma questão cara e fundamental ao debate atual, qual seja a de uma concepção de história e do lugar/destino de uma determinada camada social

nessa história. Sobre o primeiro tema, é difícil alcançar um consenso conceitual, contudo, tanto a sensação de *presente contínuo*, quanto o *senso do presente descontínuo*, que aparentam contradição, são plenamente compreensíveis, e podem ser entendidos como faces de uma mesma moeda. Isto é, no caso do *presente contínuo*, sobretudo no que se refere ao povo/cultura negra, o racismo, o preconceito, a violência e a marginalidade são manifestações de um passado mal resolvido. Um passado que não contemplou e/ou deixou de fora do presente/futuro a gente negra, o povo pobre, os indígenas e os mestiços sertanejos.²

Entretanto, no que tange ao *senso do presente descontínuo*, conforme dito acima, esse parece ser uma expressão da subjetividade (talvez coletiva) do “povo”. E, correndo todos os riscos, o sentimento da descontinuidade do presente se manifesta nas fissuras da história, nos vãos temporais e culturais que separam uma geração da outra. Por óbvio, *Becos da memória* é um esforço da Conceição Evaristo em costurar/reparar tal fissura. Isto, até para que se resolva o problema do *presente contínuo*, cuja base se assenta na materialidade da vida dos segmentos sociais explorados e marginalizados.

Retornando ao romance. Nele nos deparamos com o seguinte trecho:

Maria-Nova tinha em Bondade outro contador de histórias. Coisas que ele não contava para gente grande, Maria-Nova sabia. As histórias tristes Bondade contava com lágrimas nos olhos, mas alegres, ele tinha no rosto e nas mãos a alegria de uma criança.

Maria-Nova queria sempre histórias e mais histórias para sua coleção. Um sentimento, às vezes, lhe vinha. Ela haveria de recontá-las um dia, ainda não sabia como. Era muita coisa para se guardar dentro de um só peito. (Evaristo, 2020, p. 36-37).

² Como sugestão de leitura, vale a pena ler dois valiosos ensaios de Florestan Fernandes sobre o tema: *O negro no mundo dos brancos* (1972) e *A integração do negro na sociedade de classes* (2008).

Aqui, a personagem Maria-Nova aparece como ouvinte de histórias, as quais ela contará depois, em forma de livro. Geralmente, esse recurso não é mérito apenas da personagem/autora, mas um mecanismo utilizado por grandes escritores, dentre eles Machado de Assis, que, segundo consta, sentava-se na praça e ficava a observar personagens e situações que, mais tarde, ganhariam outros contornos (literários) em suas páginas. Contudo, para ficarmos nos limites de nosso objeto de estudo, voltemos às peculiaridades de Maria-Nova, nossa ouvinte/transmissora de histórias.

Se, numa primeira leitura, o romance *Becos da memória* nos coloca diante de uma narrativa fragmentada, tensionando a noção de temporalidade entre gerações e classes sociais, inclusive, permitindo a ampla visão de fissuras e contradições históricas que envolvem o povo negro. Em leitura mais detida, veremos que a obra faz pertinentes provocações quanto a certa concepção de história. Quer dizer, o personagem Bondade é um contador de histórias, cuja preferência é por histórias tristes. Histórias que ele omitia a um público (gente grande), mas contava a outro, para Maria-Nova. As razões de tal escolha não ficam claras. Ademais, interessa, aqui, percebermos que tanto Bondade quanto Maria-Nova são contadores de histórias, e de histórias populares. O próprio enredo de *Becos* é um mosaico de histórias de gente pobre, de pessoas sofridas. Daí a preferência dos referidos contadores por histórias tristes. No romance, lemos o seguinte: “Ela quase sempre estava mais para a amargura. Achava os barracos, as pessoas, a vida de todos, tudo sem motivo algum para muita alegria. Ela pediu a história triste, a mais verdadeira” (Evaristo, 2020, p. 37). Em suma, o plano narrativo é, deveras, triste, carregado de dramas humanos, quase sempre beirando o trágico. Entretanto, do ponto de vista conceitual, a noção de história, em sentido amplo – como resultado das ações e reações dos homens diante de situações determinadas, num determinado espaço –, parece quase nula, visto que as ações das personagens são limitadas à luta pela sobrevivência imediata, e não se verifica maiores reações frente à destruição da favela, por exemplo. Talvez possa-se objetar que a maioria dos favelados

eram idosos e doentes, porém, cabe a pergunta: e os jovens, filhos e filhas do lugar? Estes, além de não serem muitos, eram, em parte, indiferentes à situação, e outros estavam envolvidos na garantia da parca alimentação do dia.

Assim, vê-se que o romance de Conceição Evaristo não se trata de uma história gloriosa, heroica, épica. A luta de seus personagens é rasteira, mas não menos importante ou significativa do que quaisquer outras lutas, sob vários aspectos. A narração, na forma como foi construída, parece pretender evocar um humanismo, que se traduz no sentimento de solidariedade entre os membros da comunidade representada. Solidariedade que poder-se-ia dizer estrutural, não apenas em relação à narrativa, mas também no que se refere ao trato de uns para com os outros dentro da favela. Um exemplo disso é a acolhida ao estranho negro Alírio na comunidade, sem maiores indagações quando da sua primeira aparição, bem como o sentimento de empatia dispensados às personagens Cidinha-Cidoca, a “doida mansa, muito mansa” (Evaristo, 2020, p. 21) do lugar, e à Ditinha, uma diarista que, após roubar uma joia da patroa e atirar na fossa de dejetos humanos, se vê em situação difícil: vai presa e, quando solta, sente-se envergonhada, contudo, ninguém da favela a julga. Assim, nos parece evidente que solidariedade é termo chave na definição composicional do romance, atuando como “elo de ligação” e fortalecimento das mais distintas histórias pessoais figuradas nas páginas de *Becos da memória*.

No mais, portanto, vale a pena destacar uma sentença expressa pelo narrador-personagem, Maria-Nova: “Ela pediu a história triste, a mais verdadeira” (Evaristo, 2020, p. 37). Quer dizer, para a personagem, a história “mais verdadeira” é triste, o que a faz supor que uma história alegre seria menos verdadeira. Nessa distinção vai uma carga de complexidades que se materializa no próprio enredo de *Becos*. Poderíamos começar dizendo que a citação supra parece ser uma consideração marginal do narrador, todavia não é. E não o é porque o enredo carrega esse entendimento de história, do começo ao fim. Também creio não se tratar de um “revisionismo” histórico, haja vista que não se verifica, na

narração, uma confrontação de versões de acontecimentos históricos. Assim, o conceito de história expresso por Maria-Nova é aquele experienciado pela camada “baixa” da sociedade. Aqueles sujeitos que habitam no subsolo do estrato social e cultural do Brasil de ontem e de hoje. Por isso que não há, no enredo, resquícios de feitos históricos gloriosos e/ou heroicos em sentido *lato*. Muito pelo contrário. Conforme já dito, se lê nas páginas do referido romance, de Conceição Evaristo, dramas humanos individuais, cujas consequências se verificam na fragmentação narrativa e nos sentimentos antitéticos de dor e de solidariedade, manifestos pelos moradores da favela frente à dureza do cotidiano, e diante das injustiças sofridas por eles.

2.1 Romance?

Até então, temos denominado *Becos* de romance. E o é, em certa medida. Todavia, assim como a noção de história impressa nele, este é caracterizado pelas fissuras. Dizer isso aparenta expressar uma obviedade, já que o livro é de memórias, inclusive conforme é dito no título. Explicitar essa percepção é, também, afirmar que, de uma forma outra, o romance contemporâneo tem se notabilizado pela ênfase no memorialismo. E isto é significativo, porquanto revela a necessidade de a geração presente lembrar do passado, a fim de, na medida do possível, superá-lo. Mais uma vez, tal percepção nos remete ao *sensu de presente descontínuo*, arrolado acima.

Em suma, o filósofo Mikhail Bakhtin, em famoso ensaio intitulado *Epos e romance* (1990), já chamava a atenção para essa capacidade de o romance nutrir-se de outros gêneros literários e ressignificá-los. No caso de *Becos da memória*, bem como em outras obras da literatura brasileira contemporânea, em que predomina o viés memorialístico, vemos que essa característica camaleônica, ou melhor, antropofágica do romance, o particulariza temporalmente, conferindo-lhe uma atualidade formal. Digo formal porque, geralmente, a literatura brasileira quase sempre

se debruça sobre os mesmo temas e problemas: litoral x interior; rural x urbano; centro x periferia; representação do “outro” (indígena, sujeito “de cor” e “de classe”); espoliador x espoliado; rico x pobre, etc. Com isso, não se quer dizer que nossos escritores são limitados, muito pelo contrário. Ocorre que o Brasil tem um problema vicioso – que parece estar em sua formação social e histórica – quanto à resolução definitiva de questões importantes à vida material e espiritual (subjetiva) do povo brasileiro. Para citar alguns dos referidos reveses: a escravidão e suas repercussões; a dizimação dos povos indígenas e a imposição cultural; a inferiorização e exclusão social, cultural e regional do homem sertanejo e do “nortista” apenas por seu modo de vida; e, talvez, um dos mais nocivos: o óbice da concentração das riquezas e da terra, além de todos os males daí decorrentes.

Antonio Candido, em um dos capítulos da obra *Formação da literatura brasileira*, considera o romance um “instrumento de descoberta e interpretação”. Lá, lemos que o fundamento do romance é a transfiguração de uma realidade elaborada por processo mental, que guarda intacto “a verossimilhança externa, fecundando-a interiormente por um fermento de fantasia, que a situa além do cotidiano – em concorrência com a vida.” (Candido, 2017, p. 429). As considerações supras, feita por Candido, são direcionadas ao “aparecimento da ficção”, ainda no século XIX. Contudo, pela plasticidade do conceito, elas servem ao *Becos da memória*. A realidade elaborada por Conceição Evaristo, sob mediação do narrador-personagem da narrativa citada, assenta-se no cotidiano, mas vai além dele quando acrescenta um quê de poesia e trapos de esperanças na vida miserável aos personagens que compõem a história. De fato, no enredo, a vida é triste. Entretanto, o sentimento de solidariedade, os jogos comunitários e os festejos organizados e realizados pelos moradores da favela sugerem esse “além do cotidiano”, mencionado por Antonio Candido (2017).

De mais a mais, logo nas primeiras páginas de *Becos da memória*, lemos o seguinte trecho:

Escrevo como uma homenagem póstuma à Vó Rita, que dormia embolada com ela, a ela que nunca consegui ver plenamente, aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos de minha memória. Homenagem póstuma às lavadeiras que madrugavam os varais com roupas ao sol. Às pernas cansadas, suadas, negras, alviradas de poeira do campo aberto onde aconteciam os festivais de bola da favela. Homenagem póstuma ao Bondade, ao Tião Puxa-Faca, à velha Isolina, à D. Anália, ao Tio Totó, ao Pedro Cândido, ao Sô Noronha, à D. Maria, mãe do Anibal, ao Catarino, à Velha Lia, à Terezinha da Oscarlinda, à Mariinha, à Donana do Padin.

Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela. (Evaristo, 2020, p. 17).

De fato, o “amontoamento” de seres e objetos é o que caracteriza, em linhas gerais, a narrativa *in foco*. Esse amontoamento nos parece, à primeira vista, representação da heterogeneidade social e cultural que reina no ambiente urbano. Não que o aspecto da heterogeneidade não se apresente numa literatura tida como rural, mas, no caso de *Becos da memória*, o “amontoados” e o “fragmentado” indicam uma peculiaridade formal do gênero romance, de maneira a demarcá-lo, no tempo e no espaço, como um sintoma da sociedade moderna contemporânea. Talvez o filósofo húngaro, Georg Lukács (1992) tenha razão ao dizer que “O romance é o gênero literário mais típico da sociedade burguesa” (p. 177). E, continua ele: “É no romance, ademais, que as contradições específicas da sociedade burguesa têm sido figuradas do modo mais adequado e mais típico. As contradições da sociedade capitalista fornecem, assim, a chave para a compreensão do romance enquanto gênero.” (Lukács, 1992, p. 177).

Isso posto, portanto, é legítimo questionar a forma literária usada por Conceição Evaristo para compor a história contada pela personagem Maria-Nova, tendo em vista os elementos característicos supracitados. Contudo, também há de se reconhecer que é

próprio do romance a figuração da sociedade capitalista com todas as suas contradições. Daí *Becos da memória* ser essa forma narrativa heterogênea, amontoada, cheia de fissuras, que aparenta ser caótica, mas que é, em essência, orgânica em sua sistematização composicional, dando a ver as vísceras de uma sociedade hostil à vida humana, sobretudo daqueles que foram colocados à margem dessa mesma sociedade.

Ao fim e ao cabo, intuímos que o romance de Conceição Evaristo poderia ser visto como um “instrumento de descoberta” (termo bastante utilizado por Antonio Candido) da realidade brasileira suburbana. Em linhas gerais, podemos dizer que *Becos da memória* é essencialmente um romance urbano, porém bastante diferente daqueles do século XIX, e mesmo daqueles da primeira metade do XX. Talvez pudéssemos ver uma aproximação da situação narrada neste com “Os diários de uma favelada”, da Carolina Maria de Jesus (2020), todavia são gritantes as diferenças formais e estilísticas.

3. De um a um: considerações sobre vida e destino de alguns dos personagens de *Becos da memória*

Voltemos a *Becos*. De fato, em sua aparente simplicidade, o livro de Conceição é complexo, porque as figuras humanas, o ambiente e a vida ali representados são complexos. O tio Totó, a nega Tuína, a vó Rita, o negro Alírio, entre outras personagens, todas elas são carregadas de sentimentos e experiências que se traduzem em suas relações pessoais e sociais. Não à toa, o afeto e a solidariedade que elas compartilham são o que as tornam mais fortes nos momentos mais difíceis, como são os episódios da trágica morte dos trabalhadores por um trator da construtora, e também da dramática cena final de despejo das últimas famílias da favela.

No grande mosaico (humano, geográfico e social), que é *Becos da memória*, tomamos contato com a vida corriqueira e cotidiana da gente pobre, da gente negra, do povo. Nesse mosaico, distinguem-se personalidades, tais como a narradora-personagem, Maria-Nova, o Bondade, o tio Totó, o Alírio, a Cindinha-Cidoca e a Di-

tinha. Talvez, em um primeiro plano, pudéssemos destacar os três primeiros, cuja função na narrativa parece ser a de manter acesa a “chama da” tocha da história. Noutro plano, sobressaem-se as duas últimas – a meu ver, mais pelo drama que experienciam: uma é “doida mansa”, uma espécie de “Geni” (*buarqueana*), e a outra vive o calvário do roubo de uma joia e as consequências do ato. Ainda, em um outro plano, avulta o negro Alírio, figura mais ativa e engajada no enredo.

A relação e o papel das personagens Maria-Nova e Bondade – na perspectiva em que estamos encarando – foram explicitados um pouco acima, contudo, observemos mais de perto a Maria-Nova.

No romance, lemos em significativo trecho, em que a referida personagem “[...] crescia. Olhava o pôr do sol. Maria-Nova lia. Às vezes, vinha uma aflição, ela chorava, angustiava-se tanto! Queria saber o que era a vida. Queria saber o que havia atrás, dentro, fora de cada barraco, de cada pessoa.” (Evaristo, 2020, p. 32). No mesmo parágrafo, a referida estabelece um itinerário de andança pela favela e encerra dizendo “*Hoje quero tristeza maior, maior, maior... hoje quero dormir sentindo dor.*” (Evaristo, 2020, p. 32, grifo da autora).

À primeira vista, ficamos com a impressão de que Maria-Nova tem algo de masoquista, entretanto, não é o caso. A dor que ela sente, ou quer sentir, é a dor do outro, seu semelhante. A personagem é uma adolescente, e anseia por descobrir e por entender a vida. Diferentemente de outras adolescentes, ela não nutre um encantamento na descoberta do mundo “fabuloso” e nas relações de aparência ou na posse de objetos. Interessa à Maria-Nova conhecer as histórias individuais, as histórias dos seus ancestrais: quem eram, como viviam, o quê e o porquê sofreram. Veja que a personagem não queria apenas conhecer o passado das pessoas ao seu redor, mas também sentir o que eles sentiram. E, de algum modo, ela sentiu e sentirá intensamente quando adulta.

A informação supra não deixa de ser interessante, porque vai aí uma carga do que podemos identificar como afeto sincero, ou

mesmo empatia. Contudo, creio que seja mais do que isso, há um humanismo intensificado no gesto da jovem.

Já sobre o tio Totó, a voz narrativa nos faz saber que ele “sempre fora um homem de risos e sorrisos fartos. A gargalhada dele retumbava. Ele viera de pais escravos. Viera são, salvo e sozinho da outra banda do rio, deixando nas águas o melhor de seu” (Evaristo, 2020, p. 47). E continua o narrador:

Viera de uma primeira e de uma segunda mulher mortas. Viera de filhos mortos. Estava no terceiro casamento, cumpria seu tempo de vida com seus noventa e tantos anos. E até há bem pouco tempo, ria gostoso, ria liberto. Seu riso, sua gargalhada foi rareando quando ele começou a envelhecer. Tio Totó custou a se tornar um velho. Aos oitenta anos era um moço. E gostava de repetir: “Eu não sou de morte fácil, de vida difícil, sim!”. (Evaristo, 2020, p. 47).

Conforme as informações, tio Totó sobrevivia numa espécie de limbo existencial, mas nem por isso deixava de rir a sua risada “gostosa” e “liberta”. Apesar das trágicas mortes de sua primeira esposa e filha, na travessia de um rio cheio, ele seguia. Totó chega à velhice: ponto da vida em que rareia sua espontaneidade, menos por força do querer do que pelo limite biológico, que é finito.

Ao fim e ao cabo, a personagem Totó é a representação da resistência do negro. Para além das tragédias e dramas experienciados e testemunhados pelo supracitado, ele caminha adiante. A presença da personagem no enredo transmite algo de pedagógico ao leitor, haja vista que a história do povo negro afro-brasileiro é de resistência. O negro resistiu à escravidão como instituição social à época, e também resiste às adversidades da vida em si, e aos males de uma sociedade patriarcal, branca e economicamente privilegiada. Entretanto, essa obstinação percebida na personagem é problemática, porquanto ela não ultrapassa a resiliência. Mesmo com tudo que sofre durante sua vida, Totó – assim como os demais personagens – não reage de modo mais incisivo. Conforme expresso acima, à exceção de Alírio, não se verifica no enredo uma

reação organizada e enfática por parte da comunidade em relação à expulsão deles da região em que habitaram desde sempre. De toda sorte, essa questão da capacidade de reação, ou a falta desta, do povo negro afro-brasileiro, visando à superação dos males sociais que o afligem, isto é, o racismo, o preconceito e as injustiças sofridas, é uma questão extremamente importante, e vale um estudo mais detido. Por ora, creio que a fala de tio Totó sobre não ser de morte fácil, mas de vida difícil, é significativa e emblemática. E o é porque ele representa a história e a cultura do povo negro.

Avançando, em *Becos da memória*, nos deparamos com um outro personagem interessante, o Bondade. O narrador informa que “[...] Bondade chegou ali na favela com um saco de estopa nas costas. Tinha os olhos aflitos e a boca seca de sede e de fome. [...]. Não se sabe como, mas Bondade sempre tinha um trocadinho.” (Evaristo, 2020, p. 35-36). Ainda, um pouco antes ficamos sabendo que

Bondade conhecia todas as miséria e grandezas da favela. Ele sabia que há pobres que são capazes de dividir, de dar o pouco que têm e que há pobres mais egoístas em suas misérias do que os ricos na fartura deles. Ele conhecia cada barraco, cada habitante. Com jeito, ele acabava entrando no coração de todos. (Evaristo, 2020, p. 35).

A figura supra parece cumprir no enredo dois papéis: um deles é o do contador de histórias, personagem bastante popular na região do Nordeste brasileiro. Esse tipo de representação se configura como memória viva dos feitos heroicos e/ou das glórias de personagens populares que têm, na valentia e na astúcia, sua forma de ser e de se afirmar no mundo. O outro papel é o do homem caridoso, que lembra, em suas ações humanas, personagens históricas, como a figura de Cristo e de São Francisco de Assis, por exemplo. De toda sorte, Bondade é o sujeito que transita nos becos da memória, seja ajudando o próximo, seja transmitindo à Maria-Nova as experiências por ele vividas ou testemunhadas.

Ademais, noutra frente de leitura do romance, travamos contato com as histórias de Cidinha-Cidoca e de Ditinha. Por certo,

são personagens distintas, que vivem diferentes situações, mas têm em comum a experiência do drama humano. Cidinha-Cidoca era definida pelos moradores da favela como sendo “Doida mansa” e “rabo de ouro”. Num determinado trecho da narrativa, lemos o seguinte:

Bonita a mulher, mesmo com aqueles olhos parados e com aquela carapinha de doida! Bonita a mulher! Doida mansa, muito mansa.

Antes gostava de andar de branco. Quase sempre usava um vestido solto sobre o corpo. A sobra de sua negra nudez era percebida sob o camisolão alvo. Era tudo muito bonito e tentador.

Diziam as más línguas e as boas também que Cidinha-Cidoca tinha o “rabo de ouro”. Não havia quem o provasse e não se tornasse freguês. Todos iam e voltavam. Velhos, moços e até crianças. (Evaristo, 2020, p. 21-22).

Em termos de importância e relevo representativo, efetivamente, não se verifica isso na referida personagem. Poderíamos dizer que Cidinha atua no terceiro plano da história. Ela é bem isso que aparece na citação acima. Contudo, lá para o desfecho da narração, a “Geni” de Conceição Evaristo faz algo simbólico e significativo: ela morre para não viver. Aparentemente, é confuso, mas, considerando a situação mental e a pobreza material da personagem, a frase paradoxal dita por ela – morrer de não viver – faz sentido. Quer dizer, as condições de vida na favela, bem como as humilhações e a falta de perspectiva em relação a dias melhores, a morte definitiva (já que, de algum modo, se está morto) se apresenta melhor do que o viver “de aparência”. Por óbvio, há nisso problemas. Porém, calha ao caso da Cidoca. Inclusive, o dito da Cidinha-Cidoca vai repercutir na consciência da Maria-Nova, que vai dizer a certa altura do enredo que é “preciso viver. ‘Viver do viver’” (Evaristo, 2020, p. 158). E, ainda, “A vida não podia se gastar em miséria e na miséria.” (Evaristo, 2020, p. 158).

Por seu turno, Ditinha foi a mulher que num ato impulsivo, roubou uma joia de sua patroa. A ver que o objeto tinha pouco a ver com ela, e que não poderia vender o objeto, o atirou dentro de uma fossa de dejetos humanos. Sendo descoberta e presa, o seu filho adolescente assume as responsabilidades de cuidar de um avô cadeirante e alcoólatra, e também da irmãzinha menor. Ao sair da prisão, Ditinha fica escondida até a ocasião da mudança da favela, quando percebe que o pessoal da comunidade não a julgava pelo que ela fez. E mais, os moradores foram solidários com ela. A personagem, sendo mãe solo, e passando por todo tipo de privação, se encontra numa encruzilhada, em que para ela é indiferente o rumo a se seguir. Talvez seja nesse ponto que a história de Cidinha e de Ditinha se encontram. Sem perspectiva, as personagens são forçadas a escolherem a anulação de si: uma, em definitivo (a morte); outra, a prisão.

Em suma, parece que o problema da perspectiva, como possibilidade de futuro, é um nó que vai amarrar a história de *Becos da memória*. O delineamento figurativo de todos os personagens indica essa limitação, porém fico com a impressão de que não se trata de uma questão conceitual da Conceição Evaristo, como uma autora pessimista, mas penso que tem a ver com os limites históricos do nosso tempo. Isto está na história presente.

Por fim, vale a pena mencionar um personagem central do romance, o negro Alírio.

Pela voz narrativa ficamos sabendo que “Alírio chegou numa madrugada chuvosa. Estava molhado até os ossos. Era muito bonito, tinha as características negras bem marcantes” (Evaristo, 2020, p. 39). Para além dessas informações, somos informados de que o negro, ainda criança, após testemunhar a morte de um vizinho por jagunços, e depois de alcançar idade, confronta o fazendeiro, sanguinário e grileiro de terras. Sofrendo reveses, Alírio foge para a cidade, começa a trabalhar na construção civil, mas, ao provocar agitações entre os trabalhadores, é perseguido e, novamente, “dá no pé” e chega à favela na fatídica “madrugada chuvosa” (Evaristo, 2020, p. 39).

Para além dos referidos feitos de Alírio, ele organiza uma comissão para reivindicar da construtora a retirada dos tratores do terreno próximo à favela. A reivindicação foi um fracasso, porque, dias depois, a empresa mandou mais tratores. De toda sorte, a personagem é quase que a única a ter atitudes ditas mais engajadas na narração.

4. Alguma consideração

Em prefácio publicado na 5ª edição (TAG/Pallas) do romance, Conceição Evaristo diz que a personagem Maria-Nova tem muito dela, porém elas não se confundem. Essa é uma informação relevante na medida em que narradora-personagem e autora se apresentam para mimetizar e, mais que isso, problematizar o lugar e a situação do povo negro afro-brasileiro na história do Brasil, de ontem e de hoje.

De mais a mais, tanto *Becos da memória* quanto outros romances, poemas, canções e peças de teatro que têm o povo negro – também sua história e cultura – como objetos de representação, carecem levar em conta toda a complexidade que comporta cada ser, não propriamente por causa da cor, mas pela condição humana que particulariza o ser. Certamente, há as questões históricas que, no caso brasileiro, ainda são mal resolvidas. O povo afro-brasileiro ainda sofre o perverso racismo estrutural. Eles/nós sofrem(os) na pele o preconceito de cor e social. Às vezes, pagamos com a vida, apenas por existirmos.

A literatura atual tem se dedicado sobremaneira a esse tema, destacando a voz do povo negro, trazendo o negro ao protagonismo, como sujeito de sua história. Quero crer que, mais adiante, práticas racistas e preconceituosas, assim como toda a violência física e psicológica, sejam extintas de nossas relações sociais e, assim, possamos ser uma sociedade fraterna. Talvez isso seja utopia de minha parte, contudo preciso acreditar que amanhã pode ser melhor do que hoje, do contrário, nos restará o “morrer de não viver” ou a luta permanente. Certamente, a última opção é a que prevalecerá.

Referências

AMADO, Jorge. *Jubiabá*. São Paulo: Martins, [1935].

BAKHTIN, Mikhail. Epos e romance. In: BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. 2. ed. São Paulo: Edunesp/Hucitec, 1990. p. 397-428.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: Momentos decisivos*. 16. ed. São Paulo: FAPESP; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.

CANDIDO, Antonio. Poesia, documento e história. In: CANDIDO, Antonio. *Brigada ligeira e outros escritos*. São Paulo: Editora Unesp, 1992. p. 41-55.

DUARTE, Eduardo de Assis. (coord.). *Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XIX*. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. 5. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2020.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Globo, 2008.

FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Discussão Européia do Livro, 1972.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2020.

LUKÁCS, Georg. Nota sobre o romance. In: NETTO, José Paulo (org.). *Georg Lukács: Sociologia*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992. p. 177-188.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papyrus, 1994.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Letras. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.